

A narrativa moral, Piaget e as moscas: educadores discutem sobre crianças e ética nas adaptações cinematográficas de “O Senhor das Moscas” de William Golding

Marciel Consani

Resumo

Este texto relata vivências desenvolvidas no curso de Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP e que têm por objeto a formação moral da criança. A vivência tratada aqui é a da análise crítica e a construção de conceitos ligada ao desenvolvimento ético na infância a partir da problematização do filme “o Senhor das Moscas”, baseado no romance homônimo do escritor britânico William Golding. A base epistemológica dos debates na disciplina se apoia no modelo de fases do desenvolvimento moral construído pelo psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927-1987) a partir da teoria da Epistemologia Genética de Jean Piaget (1896-1980). A discussão e a produção textual conduzidas em aula assumem vários dos pressupostos da Educomunicação, tais como a dialogicidade e a leitura crítica da mídia, sempre visando assegurar aos educadores uma formação abrangente e aprofundada em temas significativos na interface entre Comunicação e Educação.

Introdução

Nosso texto está estruturado em cinco seções, sendo a inicial uma breve apresentação do contexto educacional dentro do qual os filmes foram trabalhados. A seção 2 apresenta a construção narrativa do livro de Golding que serviu de base para as adaptações fílmicas detalhada capítulo a capítulo. Na seção 3, procedemos a uma análise comparada entre as duas versões do filme, ressaltando como eles incorporam a ideia básica presente no livro. O contexto pedagógico da vivência aqui relatada é objeto da seção 4, a qual, também, menciona o desenvolvimento da atividade em sala de aula e alguns dos aspectos relevantes no *feedback* proporcionado pelos alunos.

Finalmente, reservamos o espaço da seção 5 para expor algumas considerações.

1. A Educomunicação como princípio

Há cerca de três décadas, o radialista argentino Mario Kaplún (1923-1998) publicou uma obra bastante influente: o livro “Una Pedagogia de La Comunicación”, subtulado como “El Comunicador Popular” (2002). Nele, o autor estabelecia uma agenda democratizante de ações educativas visando, entre outros pressupostos, integrar e aprofundar as ideias de Paulo Freire (1921-1997) — particularmente o combate ao modelo “bancário” na educação — com o apoio decisivo dos recursos e linguagens da comunicação, tais como o rádio, o vídeo, o jornal e outros.

Em quatro passagens daquele memorável trabalho, Kaplún menciona o termo “educadores”, sendo que três delas na terceira pessoa do plural isto é, assumindo esta designação. O termo já havia aparecido, de forma um tanto reticente, em documentos da UNESCO no Início dos anos 1980 (SOARES, 2012, 11).

Uma década depois, o núcleo de extensão denominado NCE (Núcleo de Comunicação e Educação), sediado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), se propôs a mapear a ocorrência da linha conceitual e metodológica abordada por Kaplún, tais como a produção midiática participativa, a gestão de ações envolvendo comunicação e educação e a pesquisa acadêmica na interface instituída entre esses dois campos de conhecimento.

O resultado foi o resgate e a ressignificação do conceito de “Educomunicação”, como um paradigma de abordagem educativa e comunicativa ou, nas palavras de SOARES (2012):

Passou, então, o NCE/USP a ressemantizar o termo Educomunicação para designar o conjunto destas ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação. No caso, à leitura crítica da mídia e à produção midiática por jovens soma-se o conceito de estão da comunicação nos espaços educativos. (Soares: 2012, 11)

No ano de 2011, o Centro de Comunicação e Artes (CCA) da ECA/USP abriu inscrições para um curso de Licenciatura em Educomunicação, objetivando, justamente, a formação de quadros profissionais para atuar em contextos educativos com base naquele paradigma. A grade curricular do curso é variada, alternando tópicos específicos de fundamentação teórica e com orientações e vivências em atividades de produção midiática colaborativa.

Uma das disciplinas constantes no currículo é denominada “Legislação e Ética no Âmbito da Educomunicação” (código CCA0306) e tem como foco

(...) o sentido ético do agir humano, garantindo para o estudante o sentido humanista da prática educacional. Nesse sentido, procura elementos teóricos e metodológicos para ressaltar a predominância do caráter sócio-político-cultural da ação do profissional sobre uma possível perspectiva tecnicista de sua intervenção na sociedade. (USP, 2014)

O contexto historicamente construído da Educomunicação define, de um lado, a abordagem humanista e crítica que perpassa todo o currículo do curso mencionado e, de outro, o emprego ubíquo e permanente das produções midiáticas como objeto e vetor dos pressupostos deste “novo campo de conhecimento”.

Um exemplo desta integração conceito-método pode ser ilustrado, na disciplina CCA0306, pela escolha de determinadas obras audiovisuais como ponto de partida para as discussões necessárias na construção de conhecimentos filosóficos (muitas vezes complexos e abstratos) para fundamentar o posicionamento ético do profissional Educomunicador. Por este motivo, todas as turmas do curso tiveram a oportunidade de conhecer o filme “O Senhor das Moscas”, seja em sua versão original, realizada por Peter Brook em 1963, quanto na sua releitura pelo cineasta Harry Hook, em 1990.

As atividades de discussão e produção textual reflexiva tiveram como elementos de destaque a teoria de desenvolvimento moral da criança (BIAGGIO, 2002).

2. O romance de Golding

O livro “O Senhor das Moscas” está estruturado em doze capítulos identificados por títulos sintéticos. No primeiro, “A Voz da Concha”, os protagonistas Ralph e Piggy (“Porquinho”, nas traduções em língua portuguesa) se encontram após o acidente aéreo que os levou a um lugar selvagem e desconhecido. A descoberta de uma concha que soa como uma trombeta permite reunir os outros sobreviventes. Dentre eles, Jack, líder do coro, representará o antagonista que se oporá, de forma cada vez mais ferrenha, à razoabilidade lógica e madura representada pela dupla Ralph e Piggy.

O segundo capítulo, “Fogo na Montanha”, mostra os meninos descobrindo que estão numa ilha e que o resgate poderá demorar bastante, daí a necessidade

de tomarem conta uns dos outros. Surgem boatos de que há um monstro na ilha, o que desperta medo e controvérsia. A essa altura, fazer uma fogueira parece uma boa ideia, até o fogo se espalhar sem controle.

“Cabanas na Praia”, o terceiro capítulo, escancara o conflito entre Ralph, que lembra a necessidade de trabalhar duro para construir abrigos e Jack, que lidera o grupo dos autodenominados “caçadores”. Assim, a divergência entre os dois meninos se polariza, demarcando uma posição mais “adulta”, que prioriza a responsabilidade do grupo (principalmente dos mais velhos para com os mais jovens); e outra postura mais “infantil”, que, por trás de uma justificativa razoável (a busca por alimento), prioriza a diversão e o aspecto aventureiro de ser um grupo de meninos isolado na selva sem a tutela de adultos. Um coadjuvante começa a ganhar destaque, o garoto Simon, que passa grande parte de seu tempo sozinho, contemplando os mistérios da ilha.

“Caras pintadas e Cabelos Compridos” é o nome do capítulo 4, no qual o conflito velado entre Ralph e Jack se materializa na discussão motivada pelos caçadores terem saído para matar um porco e deixado apagar a fogueira de sinalização, justamente quando um navio apontou no horizonte. No calor da discussão, Jack agride Porquinho, quebrando uma das lentes de seus óculos. No final, Jack se desculpa, mas Ralph não o perdoa, atraindo para si a animosidade de uma parcela do grupo. Na hora de dividir a carne do porco abatido, Jack faz questão de enfatizar que, embora todos compartilhem o assado, apenas o grupo dos caçadores era merecedor da iguaria.

O capítulo 5 “Bichos da Água” descreve uma longa reunião dos meninos, cujo tema é o suposto bicho (ou monstro) que ronda a ilha. Rapidamente, a reunião evolui para uma discussão acalorada que só termina com a retirada de Jack — que manifesta seu desprezo às regras e a liderança imposta por Ralph — e de seus seguidores, que, agora, já são maioria entre os garotos.

“Bicho do Ar”, o sexto capítulo, começa com a descrição de uma batalha aérea que passa despercebida dos náufragos adormecidos. Um piloto agonizante num paraquedas cai próximo ao topo da ilha, onde fica a fogueira de sinalização. No dia seguinte, os gêmeos Sam e Eric se deparam com a figura indistinta do piloto morto e passam a acreditar piamente na existência do monstro. Ralph assume a incumbência de verificar a história toda e é seguido por Jack. Embora não encontrem o monstro, Jack tem a ideia de construir uma fortaleza daquele lado da ilha, estabelecendo seu próprio acampamento de caçadores.

No sétimo capítulo — “Sombras e Árvores Altas” — após uma caçada frustrada e uma “dança ritual da morte do porco”, os meninos se decidem a resolver o mistério do bicho, mas os únicos com coragem suficiente para subir a encosta são Ralph, Jack e Robert. Na escuridão da noite, eles são enganados pelo cadáver do piloto preso ao paraquedas que o vento agita e, todos fogem convencidos de que o monstro é real.

O capítulo 8, “Sacrifício para as Trevas”, narra a caçada bem sucedida do grupo de Jack, que tem a ideia de deixar a cabeça de um porco morto como oferenda para o suposto mostro. O prazer da matança é reforçado pelo sangue que os meninos usam como pintura de guerra, após a caçada. Neste meio tempo, os pequenos relatam que o grupo de Jack roubou o fogo para o acampamento dos caçadores onde acontecerá uma festa. Vários deles se inclinam a ir para o outro grupo, onde podem caçar e se divertir, pintando-se como selvagens. Simon resolve subir sozinho para encontrar o monstro e começa, em seus delírios, a escutar a voz da cabeça de porco espetada, que se apresenta como “O Senhor das Moscas”, desmaiando no final.

“Visão de uma Morte” é um capítulo breve e intenso, que começa descrevendo o constrangimento de Ralph e Piggy por irem até o acampamento dos caçadores e comerem a carne assada. A tentativa de Ralph de retomar a autoridade é frustrada por Jack. Os meninos reencenam a dança da morte, mas a festa é interrompida por uma tempestade, justo no momento em que uma figura indistinta sai do mato gritando. Antes que conseguisse se identificar, Simon é morto impiedosamente pelas lanças dos caçadores.

“A Concha e os Óculos”, décimo capítulo do livro de Golding, abre com Jack lamentando e se culpando pela morte de Simon. Piggy ressalta a inutilidade de falar no assunto e os gêmeos, alegam que nada presenciaram. Entrementes, Ralph foi visitar o acampamento de Jack, só para descobrir como ele se tornou o senhor absoluto daquele lado da ilha, ordenando castigos arbitrários e a construção de uma armadilha mortal. Jack espalha o boato de que o monstro é imortal e pode se disfarçar com qualquer aparência e toma a decisão de roubar o fogo do outro acampamento. Após uma batalha confusa e desigual os caçadores levam como troféu de vitória, os óculos do Porquinho.

No undécimo e penúltimo capítulo, “Castelo de Pedra”, acontece uma tentativa desesperada do grupo original – agora reduzido a Ralph, Piggy e os dois gêmeos – de dialogar com os caçadores, exigindo que eles devolvessem os óculos roubados e ajudassem a manter a fogueira acesa. Eles são recebidos com grande hostilidade e, enquanto Ralph e Jack se engalfinham num corpo-a-corpo

renhido, os gêmeos são capturados. Inesperadamente, Piggy é vítima da armadilha mortal, que lança sobre ele uma rocha esmagadora a qual também destrói o último símbolo de autoridade moral: a Concha. Ralph se vê escorraçado pelo bando de Jack e foge para o “território do monstro”.

A distopia de Golding se encerra do capítulo 12, “Gritos de Caçadores”, que apresenta um Ralph acuado que descobre, pelos gêmeos, que Jack quer matá-lo. Logo, a caçada humana força-o a abandonar seu esconderijo, pois os perseguidores ateam fogo à mata. Exausto e entregue, ele só tem forças para chegar à praia, onde se depara com um oficial da marinha. Quando a situação se esclarece, o oficial declara não entender como “um grupo de meninos ingleses pôde chegar a esse ponto” Ralph, e alguns meninos, caem num pranto inconsolável, enquanto o olhar do oficial se desvia para o mar. Fim.

3. O Senhor da Moscas no Cinema

3.1 O Filme de Brook

Peter Stephen Paul Brook nasceu em Londres, em 1925. Sua carreira de encenador inclui montagens de óperas e grandes dramas teatrais, tendo ocupado a direção da Royal Shakespeare Company durante duas décadas.

A proximidade com as artes cênicas talvez explique a abordagem naturalista, quase de “teatro filmado” que caracteriza sua interpretação do livro de Golding que realizou em 1963. Uma explicação menos glamorosa e mais pragmática reputa as escolhas estéticas como soluções limitadas pelo baixo orçamento¹⁰² conseguido para a empreitada — sem dúvida, as duas explicações se complementam.

Seja como for, o emprego massivo de jovens não-atores no *casting*, o uso de recursos econômicos como a sucessão de imagens estáticas na abertura do filme e a filmagem, realizada integralmente em preto e branco, acentuam a crueza do drama ali retratado.

Brook também foi econômico nos diálogos: a maioria deles foi transcrita diretamente do livro, o que torna esta primeira adaptação, a mais fiel ao original. Não obstante, algumas passagens marcantes do original são suprimidas, como a conversa imaginária entre o personagem Simon e a cabeça do porco morto (o

¹⁰² Ao que consta, o sucesso comercial do livro não se refletiu no cinema pelo fato de que a violência inerente à história (ainda que modesta para os padrões de hoje) restringia, por motivo de censura, seu público potencial.

“Senhor das Moscas”). Por outro lado, cena da morte de Simon é valorizada pelo recurso cinematográfico de justaposição entre os trovões e relâmpagos da tempestade e os golpes violentos desferidos pela turba de meninos descontrolada

As diferenças entre a obra literária e o filme, neste caso, são perfeitamente compreensíveis pela simples diferença entre as duas linguagens – textual e audiovisual – e a idiossincrasia comunicativa de cada uma. Podemos notar que a essência da mensagem antibelicista e distópica de Golding sobrevive à adaptação, oferecendo ainda um aspecto intertextual que pode ser explorado quando lidamos com a Media Literacy (BUCKINGHAM, 2009).

Os noventa e dois minutos aos quais a edição final do filme chegou, resultaram da redução de um copião de quatro horas, obtido a partir de um total de 60 horas de material gravado em uma ilha próxima a Porto Rico.

3.2 O Filme de Hook

No site Internet Movie Data Basis (IMDB) há uma informação lacônica sobre uma nova produção em desenvolvimento homônima. Eventualmente, esta seria a segunda “atualização” da trama de Golding para a sempre fugaz contemporaneidade. O conceito de releitura contemporânea das obras apresenta um quê de necessidade – visto que a cultura se modifica, assim como a relação do público com os meios de comunicação. Entretanto, esta necessidade desperta certa preocupação quando aspectos importantes ligados à construção lógica e argumentativa da narrativa original (AUMONT & MARIE, 2004) são sacrificados para obter filme mais “palatável”.

Assim, entre as várias críticas que se pode fazer ao filme dos anos 1990, estaria a transposição do grupo de meninos, de um internato inglês, para um colégio militar norte-americano (tratam-se de cadetes). Este novo enquadramento soa mais como uma justificativa para a escalada belicosa que o grupo assume, mas retira muito dos elementos que, na trama original, argumentavam que a história poderia ocorrer com qualquer grupo de garotos: o despreparo dos jovens para enfrentar as agruras da vida selva (espera-se que soldados recebam um treinamento para tanto) e a incapacidade para construir uma relação de grupo organizado, a qual desaparece, se o grupo é preexistente.

De forma semelhante, o antagonista Jack, que faz o grupo pender para o lado da selvageria, é reputado, em dado momento, como “alguém que foi mandado para a escola militar porque estava encrencado”. Esta é uma simplificação psicológica empobrecedora de um personagem central, mas não a

única: Simon é apresentado apenas como um garoto frágil e solitário, longe da complexidade de um psiquismo desequilibrado e uma alegoria ao misticismo, tão caros ao livro de Golding.

Também, a sobrevivência temporária do piloto, o qual se transformará no suposto monstro, também subverte as concepções literárias de Golding, sem acrescentar nada interessante à ação dramática, a não ser, talvez, uma dose extra de violência.

Como atenuantes às críticas, poderíamos ressaltar o fato de que a cultura visual dos jovens adultos no século XXI aprendeu a conviver com um ritmo de edição e uma textura visuais – sem falar nas convenções narrativas explicitadas de forma nada sutil – diferentes daqueles cinéfilos que buscariam o cinema de Brook, sabendo exatamente do que se trata.

Justiça seja feita, nenhum dos dois filmes parece igualar o grau de acabamento dramático e narrativo do livro-base (embora Brook chegue mais perto desta empreitada), porém, fato é que a mensagem de Golding é tão forte e incisiva, que ela sobrevive em sua essência, mesmo após a filtragem de inúmeros elementos que lhe davam riqueza e profundidade.

De qualquer forma, para a nossa proposta vivencial, vale a máxima de que “texto é pretexto”, o que nos leva a situar a abordagem didático-pedagógica que levamos a cabo em três ocasiões distintas: os semestres finais de 2012, 2013 e 2014.

4. O contexto pedagógico na análise do filme

Cada nova turma de matriculados na disciplina “Legislação e Ética no Âmbito da Educomunicação”, obrigatória dentro do curso de Licenciatura em Educomunicação do CCA-ECA/USP, tem a oportunidade de participar de um debate sobre o desenvolvimento moral na infância compartilhando narrativas audiovisuais. Tradicionalmente, um dos filmes obrigatórios nesta discussão (ao lado de “A Laranja Mecânica” de Stanley Kubrick) é “O Senhor das Moscas”.

A teoria do desenvolvimento moral proposta pelo psicólogo norte-americano Lawrence Kohlberg é a referência epistemológica mais significativa para alinhar a discussão em aula e seus desdobramentos no âmbito da disciplina.

Basicamente, esta teoria transpõe os estágios de desenvolvimento cognitivo definidos por Jean Piaget para etapas correspondentes (“Estádios”) na especificidade do desenvolvimento moral (BIAGGIO, 2002). As correspondências

podem ser apresentadas, sucintamente, num quadro-resumo como o que segue¹⁰³:

Epistemologia Genética de Jean Piaget	Teoria do Desenvolvimento Moral de Lawrence Kohlberg
<p>I - Nível Sensório-Motor: egocentrismo radical, indiferenciação entre sujeito e objeto (1-24 meses)</p> <p>II - Primeiro Nível pré-operatório: pensar conceitual, percepção do outro (2 -4 anos)</p> <p>III – Segundo Nível pré-operatório: busca por explicações sobre o comportamento do outro (5-6 anos)</p> <p>IV - Primeiro estágio das Operações concretas: reversibilidade, classificação (7 – 8 anos)</p> <p>V – Segundo estágio das Operações concretas: decalagem horizontal (9 – 10 anos)</p> <p>VI – Das Operações Formais: pensamento abstrato, lógica indutiva/dedutiva (11-12 anos)</p>	<p><i>Nível 1 (Pré-Convencional)</i></p> <p>1. Orientação "punição obediência" (<i>Como eu posso evitar a punição?</i>)</p> <p>2. Orientação para o auto interesse, ou "hedonismo instrumental" (<i>O que eu ganho com isso?</i>)</p> <p><i>Nível 2 (Convencional)</i></p> <p>3. Acordo interpessoal e conformidade (<i>Normas sociais</i>) (<i>Orientação "bom moço"/"boa moça"</i>)</p> <p>4. Orientação "manutenção da ordem social e da autoridade" (<i>Moralidade "Lei e Ordem"</i>)</p> <p><i>Nível 3 (Pós-Convencional)</i></p> <p>5. Orientação "Contrato Social"</p> <p>6. Princípios éticos universais</p>
Quadro 1. Paralelos entre os Estágios de Piaget e os Estádios de Kohlberg	

Existem atividades, comuns em cursos de comunicação e afins, que correspondem à elaboração de resenhas críticas de filmes e livros, orientadas no sentido de relacionar a narrativa analisada com os temas que se estudam àquela altura do curso. Este exercício básico introduz, muitas vezes, o hábito e o método de “ler” os filmes como textos audiovisuais que, em verdade, eles são.

Dentre as leituras possíveis que o filme suscita no âmbito do desenvolvimento moral da criança, o ponto de partida, usualmente, é sugerir que os alunos relacionem os estádios com um ou outro personagem do filme, justificando seu parecer mediante um exercício de argumentação textual. Invariavelmente, os alunos encontram exemplos de praticamente todos os estádios dos Níveis 1 e 2 e, inclusive, atitudes ambíguas ou mudanças de estágio de um mesmo personagem ao longo do filme.

Quando a tarefa envolve a elaboração de um plano de aula que porventura utilizasse cenas do filme, surgem as questões relacionadas com a classificação indicativa que incorreria sobre o mesmo, além da questão “Como apresentar, numa aula, esta situação de crianças praticando barbáries?”

¹⁰³ Note-se que as faixas etárias apontadas por Piaget **não** têm correspondência nos estádios de Kohlberg.

A ética do grupo contraposta à ética social, também aparece nas discussões, dialogando com textos clássicos trabalhados previamente, tais como “O Anel de Gíges”, de Platão, e “O Caso dos Exploradores de Caverna”, de Lon L. Fuller.

Em suma: a atividade aqui relatada atende ao triplo propósito de aprofundar o domínio dos educadores sobre os conceitos da ética, as teorias pedagógicas e a leitura crítica da mídia. Alinhando o conjunto de saberes que consideramos indispensáveis para o educador egresso do curso de Licenciatura ministrado no CCA-ECA/USP.

5. Considerações Finais

Nosso contexto está vinculado ao campo da Educomunicação ou, mais especificamente, à formação de educadores que é promovida no curso de Licenciatura oferecido pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Poderíamos descrever nossa abordagem como “metaformativa”, uma vez que tanto o objeto de estudo – a correlação entre ética e infância – quanto à metodologia na abordagem – análise crítica de mídia audiovisual – remetem às prerrogativas do educador.

Além desta preocupação mais imediata com os conteúdos e habilidades exigidos para integralizar a formação do educador, consideramos que o resgate de obras literárias e audiovisuais culturalmente importantes, pode ser um diferencial significativo para os jovens profissionais que convivem com um imenso volume de informações, nem sempre originais ou pertinentes, mas sempre propícias à instauração de um debate.

Talvez, mais que tudo, o exercício do diálogo e da argumentação acalorada de temas fortes — como aqueles suscitados pela obra de Golding, ajude a formar o senso crítico do educador. Assim, pensamos garantindo que, além do âmbito dos conteúdos e das competências técnicas, esse futuro profissional também possa desenvolver aquela dimensão atitudinal que é a razão de ser do estudo da moral e da ética, em qualquer contexto.

Referências

AUMONT, Jacques e MARIE, Michel. A análise do filme. Lisboa: Editora Texto e Grafia, 2004.

BIAGGIO, A. M. B. Lawrence Kohlberg: ética e educação moral. São Paulo, Moderna, 2002.

BUCKINGHAM, David. The Future of Media Literacy in the Digital Age: Some Challenges for Policy and Practice. Texto apresentado na European Conference on Media Literacy, Bellaria, Italy, 2009. Disponível para download em <http://www.childrenyouthandmedia.org>, acessado em 20/08/2014.

GOLDING, William. *O Senhor das Moscas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.
KAPLUN, Mario. *Una Pedagogia de La Comunicación (El Comunicador Popular)*. La Habana, Editorial Caminos, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo, Paulinas, 2012.

WILLIAM GOLDING LIMITED. <http://www.william-golding.co.uk/>
(_____)<http://explorewilliamgolding.com/lord-of-the-flies-on-film/>

Internet Movie Data Basis. <http://www.imdb.com>

USPDIGITAL. <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/obterDisciplina?sqldis=CCA0306&codcur=27570&codhab=4>

- *O Senhor das Moscas* (1963) "Lord of the Flies" – 92 min, P&B, UK (Fra-USA). Direção e roteiro de Peter Brook.

- *O Senhor das Moscas* (1990) "Lord of the Flies" - 90 min, Cor, USA. Direção de Harry Hook e roteiro de Jay Presson Allen.

Autor



Marciel A. Consani é Professor do curso de Licenciatura em Educomunicação e dos cursos de pós-graduação lato sensu e de extensão em Educomunicação pelo CCA-ECA/USP. Tem pós-doutorado pelo Instituto de Artes da Unicamp; Doutor em Ciência da Comunicação pela ECA-USP e Mestre em Artes pelo IA da Unesp. Atua também na produção de materiais didáticos nas áreas de EaD, Mídia e Artes e na formação de comunicadores e educadores. Contato: marcielc@gmail.com

